

A máquina do poeta

Nelson Cruz

Nível leitor 10 - 11 anos

Ciclo escolar 5º e 6º anos

56 páginas

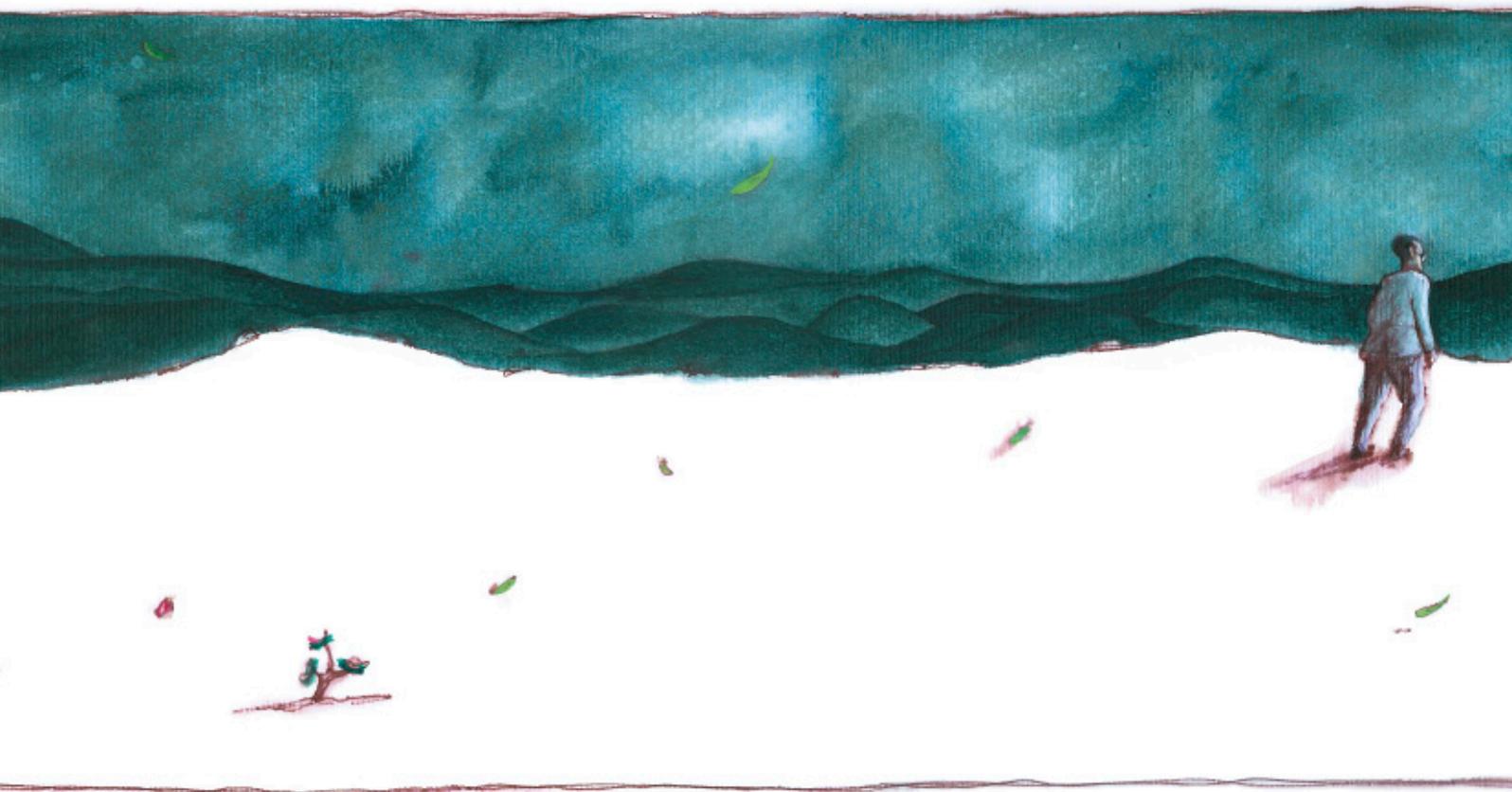


TEMAS Processo criativo / Conflito / Tristeza / Amizade

O AUTOR Nelson Cruz nasceu em 1957, em Belo Horizonte, e vive em Santa Luzia, cidadezinha próxima à capital mineira. Estudou pintura nos anos 1970 e logo passou a publicar ilustrações e caricaturas em jornais. Suas imagens começaram a aparecer em livros infantis em 1988; dez anos depois, lançou-se também como autor, empreitada a que tem se dedicado cada vez mais. Recebeu prêmios importantes, como o Jabuti de melhor livro infantil por *Os herdeiros do lobo* (Edições SM, 2009) e o de melhor livro infantojuvenil pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) por *A máquina do poeta*. No âmbito internacional, foi indicado ao Hans Christian Andersen, considerado o Nobel da literatura infantil, e premiado na França (Octogonal) e na Suíça (International Board on Books for Young People).

O LIVRO Nas primeiras páginas, o leitor é informado do teor de uma carta enviada pelo jovem poeta Carlos Drummond de Andrade a seu amigo Mário de Andrade. O ano é 1926. Diz o poeta que a vida em Itabira do Mato Dentro, interior de Minas Gerais, isola-o do mundo e lhe torna impossível perseguir o sonho de publicar seus poemas em livro. Por isso, chegou à conclusão de que o melhor a fazer é rasgar seu caderno de versos. Mário discorda e tenta animar o amigo com elogios, recomendando que não desista de escrever. No entanto, a narrativa de *A máquina do poeta* não se resume às cartas trocadas. Vemos Drummond caminhando com o fundo idílico do Pico do Cauê, vasta formação rochosa localizada em Itabira. Seguimos então com o poeta, que, no meio do caminho, nota uma roseira nascida no chão de pedra. Na sequência, o vento arranca folhas e pétalas da flor e vai carregando-as em direção à beira de um abismo, onde Drummond mergulha,

talvez em busca delas, adentrando a própria sombra. Seguem-se imagens de engrenagens gigantes, chaminés de fábrica, escadas, pontes, máquinas, relógios. De repente, tudo isso se despedaça atrás de Drummond. Nas páginas finais, lá estão outra vez o abismo, as folhas, as pétalas, o Pico do Cauê, a rosa e o poeta caminhando lentamente. Termina o livro, mas não a história. Caberá então ao leitor construir uma terceira narrativa que organize as duas histórias paralelas contadas em linguagens distintas (texto e imagem). O que elas têm em comum? De que maneira se complementam? Essa tarefa adicional, que propicia uma aproximação criativa do leitor com a obra do poeta mineiro, fará com que o trabalho em sala de aula possa repercutir, mais tarde, no interesse genuíno dos alunos pela poesia de Drummond.



OBRA EM CONTEXTO

POETA DO DESASSOSSEGO

“NO MEIO DO CAMINHO”

Em carta, Mário teria dito ao amigo: “O ‘No meio do caminho’ é formidável. É o mais forte exemplo que conheço de cansaço intelectual. Me irrita e me ilumina”. Drummond se calou, mas foi colecionando tudo o que saía em jornais, revistas e livros sobre seu famoso poema. Em 1967, quase quarenta anos depois de publicá-lo, lançou o livro *Uma pedra no meio do caminho: biografia de um poema*, apresentando tudo o que tinha reunido e comentando o impacto desse poema em sua carreira.

Carlos Drummond de Andrade nasceu em 1902, na cidade mineira de Itabira do Mato Dentro. Um ano antes de enviar a Mário de Andrade a carta em que se declarava propenso a destruir seus escritos, ele se formara pela Escola de Odontologia e Farmácia de Belo Horizonte, onde morava com a família desde 1920. Alguns anos mais tarde, em 1928, publicou “No meio do caminho” na *Revista de Antropofagia*. Para sua completa surpresa, o poema gerou gigantesca polêmica nos meios literários. Aclamado por Mário de Andrade (1893-1945) e Manuel Bandeira (1886-1968), tidos como os mais ilustres representantes do Modernismo então vigente, o poema foi ridicularizado pelos oponentes do movimento, para os quais as faltas de pompa, rimas e imagens grandiosas culminavam em uma piada de mau gosto. Dois anos depois, Drummond o incluiu em seu livro de estreia, *Alguma poesia*, dedicado ao amigo Mário de Andrade.

Nos anos seguintes, mudou-se para o Rio de Janeiro e lançou dezenove livros, que se tornaram clássicos da poesia em língua portuguesa. Foi também grande cronista — seus textos, originalmente publicados em jornais, encontram-se hoje em livros como *Confissões de Minas* (São Paulo: Cosac Naify, 2011) e *Fala, amendoeira* (São Paulo: Companhia das Letras, 2012) — e profícuo missivista. Embora boa parte de sua correspondência esteja publicada, como é o caso das cartas que trocou com Mário de Andrade, reunidas em *Carlos & Mário* (Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002), muito de sua vasta produção permanece dispersa em arquivos pessoais daqueles com quem conviveu, de fãs ou de escritores em busca de conselhos — em geral, Drummond respondia a todos.

Não obstante a conhecida aversão que tinha a entrevistas e polêmicas, refletindo sua mansidão e amabilidade no trato pessoal, Drummond compôs uma obra marcada pelo desassossego. Em poemas como “Convite ao suicídio” (1927), “A flor e a náusea” (1945) e “A máquina do mundo” (1951), tomados como referências por Nelson Cruz para compor as ilustrações do livro, é possível entrever o avesso sombrio da figura pacata do poeta mineiro, que faleceu aos 84 anos, em 1987, na cidade do Rio de Janeiro.

SEMANA DE ARTE MODERNA

Em fevereiro de 1922, jovens poetas, escritores, artistas plásticos e escultores expuseram trabalhos que davam corpo a uma nova estética, afinada aos movimentos de vanguarda europeus, como o Futurismo e o Cubismo. O evento, que contou com a participação de Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Victor Brecheret (1894-1955), Anita Malfatti (1889-1964), Menotti Del Picchia (1892-1988), Heitor Villa-Lobos (1887-1959) e Di Cavalcanti (1897-1976), entre outros, aconteceu no Teatro Municipal de São Paulo e não foi muito apreciado pela tradicionalíssima e abastada elite paulistana.

**AMIZADES MODERNISTAS**

O principal marco fundador do Modernismo brasileiro foi a **Semana de Arte Moderna**, de 1922, responsável pela rápida disseminação do ideário do movimento. A proposta era de ruptura total com a poesia tradicional e o retrógrado “bom gosto” burguês, que ainda prestigiava expressões típicas do século XIX, refém de modelos europeus. Nessa valorização do genuinamente brasileiro, projetaram-se as figuras primitivistas de Tarsila do Amaral (1886-1973), os versos livres de Manuel Bandeira, a ironia de Mário de Andrade e a oralidade literária de Oswald de Andrade (1890-1954).

Mais tarde, ao discurso purista que marcara o início do Modernismo, foi acrescentada a teoria antropofágica de Oswald. Segundo ele, a arte brasileira não deveria mais rejeitar as influências estrangeiras, mas apropriar-se delas por inteiro, devorá-las e depois torná-las parte de um mesmo bolo digestivo em que não haveria distinção entre o nacional e o estrangeiro, o antigo e o novo. Tudo seria atualizado pelo processo de construção de uma arte veementemente mestiça. Assim, elementos da mitologia indígena, da família linguística tupi-guarani e dos costumes do povo brasileiro acabariam mesclando-se à perspectiva múltipla do Cubismo, ao esgotamento da forma assumido pela arte abstrata e ao positivismo enérgico do Futurismo. Disso surgiria uma terceira representação, atualizada, que afirmaria e moldaria o tempo presente.

A efervescência chegou rápido a Belo Horizonte. Nos jornais em que Drummond trabalhava como redator, havia muita simpatia pelo movimento. Ele se tornou grande admirador de Manuel Bandeira e passou a se corresponder com o poeta, que conheceu em 1924, durante a visita de um grupo de modernistas à cidade, entre os quais estava também Mário de Andrade. Começava aí uma amizade que duraria até a morte do escritor paulista, em 1945.

Apesar do grande volume de cartas trocadas entre os dois e do tom cada vez mais intimista que adquiriam, a autoridade de Mário sobre Drummond, nove anos mais novo e de personalidade contida, esbarrava na resistência do mineiro em assumir uma postura radical e desbragadamente jovial, despojada das amarras da poesia tradicional, da circunspeção própria do intelectual descarnado, ensimesmado, metafísico. Mário enxergava no desânimo de Drummond e em sua incapacidade de se reconhecer brasileiro (“Nasci em Minas quando devia ter nascido em Paris”, reclama em uma carta) uma tendência reativa, cerebral e, em última instância, antimodernista.

Se, de um lado, a influência do Modernismo é visível, desde os primeiros poemas, na tematização do cotidiano, que, pouco a pouco, foi ganhando importância em sua poesia, de outro, é evidente que Drummond não se identificava completamente com o novo ideário. Com o passar do tempo, sua obra tornou-se mais aberta aos temas nacionais e ao presente, sem nunca abandonar as marcas que desgostavam Mário: a lucidez metódica e organizadora, a descrença com relação ao radicalismo do movimento, o refinamento intelectual e o lirismo evanescente de alguns poemas. Desse modo, Drummond passou para a história como um poeta contemporâneo ao Modernismo, mas não de todo classificável com base nesse modelo. Sua obra se move e se explica em diversos tempos e espaços, na Itabira de 1926 e nos dias de hoje.

OUTRAS FORMAS DE LER

O educador talvez esteja tão acostumado a trabalhar com obras ilustradas em sala de aula que não se dá conta do intrincado processo de leitura que esse tipo de material exige. Longe de serem meras reproduções do texto impresso, as imagens podem tanto complementar o significado das palavras como contar outras histórias, de certa maneira independentes do texto, tornando o leitor uma espécie de coautor do livro.

A máquina do poeta é uma dessas obras, em que o texto e as ilustrações parecem nos conduzir a universos distintos. O que mantém tais esferas ligadas é justamente o processo empreendido pelo leitor, que, mesmo desconhecendo a poesia de Drummond, é levado a costurar as múltiplas narrativas sugeridas pelas imagens e pelo texto. No entanto, ele não está sozinho nesse enfrentamento: conta com as “dicas” deixadas pelo autor-ilustrador. O leitor é capaz de presumir que texto e ilustrações estão interligados por uma mesma história. Mas qual? Aí entra sua capacidade imaginativa e criadora.

Pela complexidade desse processo especial de leitura e pelo protagonismo que demanda do leitor, o uso de obras como esta em sala de aula vem sendo cada vez mais discutido nos meios educacionais. As editoras infantojuvenis têm lançado álbuns e livros de imagem cada vez mais elaborados, criando, assim, um ciclo virtuoso que enobrece a leitura. Cabe ao professor descobrir como tirar o máximo proveito dessas belas obras, como indicado nas atividades de leitura de texto e imagem a seguir.



NA SALA DE AULA

PARA TRABALHAR TEXTO E IMAGEM

- 1 Após o levantamento das hipóteses de pré-leitura, leia a obra em voz alta para os alunos, guardando silêncio no Livro II, quando se inicia a narrativa em imagens. Vire as páginas a intervalos de tempo regulares, indicando com isso que, mesmo sem palavras, o processo em marcha é a leitura do livro e que não se leem imagens passando rápido por elas, como que eliminando a necessidade dessa forma de expressão não verbal.
- 2 Para enriquecer essa atividade, você pode fazer uma pesquisa de imagens do Pico do Cauê, onde há uma estátua do poeta mirando os morros, e mostrá-las aos alunos. Explore com eles o contexto espacial da narrativa para que compreendam o percurso do personagem: o conjunto de morros das primeiras páginas do livro se mantém como cenário principal em todas as páginas? Que mudanças esse cenário sofre, por exemplo, ao longo do Livro II, em que se sobrepõem imagens de rodas, engrenagens, chaminés, casas, pontes? As transparências da aquarela não parecem sugerir que o poeta está devaneando, “vendo coisas”, sonhando acordado, quando na verdade continua parado no mesmo lugar onde estava antes da queda?
- 3 Chame a atenção dos alunos para a passagem do tempo apreendida das imagens. Por exemplo, como estão os galhos da roseira nas páginas 48 e 50 em comparação com os das páginas 9, 11 e 12? O que aconteceu com as pétalas faltantes?
- 4 Aos poucos, proponha questionamentos que proporcionem o uso da capacidade interpretativa, dando início a um ciclo de recriação da história. Com base nas imagens, pode-se dizer que o poeta realmente caiu do abismo e mergulhou no subsolo? Ou o mergulho é apenas uma metáfora, uma imagem que substitui poeticamente o fato real de o poeta ainda estar no alto da montanha, mas tão absorto em seus pensamentos que é como se estivesse mergulhando?

Para saber mais

Para o professor

FILMES

- *Consideração do poema*. Direção: Gustavo Rosa de Moura, Eucanaã Ferraz e Flávio Moura. Brasil, 2012. 70 min. Artistas como Fernanda Torres, Chico Buarque, Adriana Calcanhoto, Caetano Veloso e Marília Pêra leem seu poema preferido de Drummond.

- *Poeta de sete faces*. Direção: Paulo Thiago. Brasil, 2002. 94 min. Docudrama que comemora o centenário do nascimento de Drummond, contando com a participação de atores, corais, músicos, balés e especialistas para retratar a obra do poeta.

LIVROS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Alguma poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. Primeira obra poética de Drummond, publicada originalmente em 1930, reúne 49 poemas (muitos deles, micropoemas) em que se destacam o lirismo, o humor, a ironia e reflexões sobre amor e morte.

- _____. *Claro enigma*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
Publicado originalmente em 1951, traz poemas com alto teor lírico, mesclado, porém, com um sentimento mais mundano, de desencantamento e resignação, entre os quais figura “A máquina do mundo”.
- _____. *Uma pedra no meio do caminho: biografia de um poema*. Organização: Eucanaã Ferraz. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2011.
Livro em que Drummond compilou a fortuna crítica de seu mais famoso poema, ajudando a compreender a relação do poeta com seu tempo.
- ANDRADE, Mário de. O movimento modernista. In: *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo: Martins, 1978.
Célebre conferência de 1942, elaborada por ocasião dos vinte anos da Semana de Arte Moderna, contextualizando o movimento e apontando avanços e limites.
- FROTA, Lélia Coelho (Org.). *Carlos & Mário*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002.
Reúne as cartas trocadas por Mário e Drummond ao longo de seus 21 anos de amizade.

Para o aluno

LIVROS

- ARAUJO, Leusa. *A cabeleira de Berenice*. São Paulo: Edições SM, 2006.
Berenice está no quinto ano e adora redigir poemas e escrever cartas. Quando é obrigada a mudar de cidade, terá de enfrentar muitos desafios.
- CARNEIRO, Flávio. *Prezado Ronaldo*. São Paulo: Edições SM, 2006.
Pinguim gosta muito de futebol e de ler. Um dia resolve escrever cartas para o jogador Ronaldo Fenômeno, por meio das quais relata seu cotidiano, suas dúvidas e seus sonhos.

Observando as imagens, que elementos confirmam ou negam essa hipótese? Sugira aos alunos que sigam, página a página, as folhas e as pétalas de rosa. Elas parecem sempre soprar na direção em que o poeta se movimenta. Serão uma espécie de guia para ele?

Muitas outras questões podem ser levantadas em classe, seja por você, professor, seja pelas próprias crianças, apenas com a leitura das imagens, servindo de estímulo para a turma propor novos sentidos para o livro.

Como se vê, o trabalho de texto e imagem produz uma gama infinita de interpretações e propicia grandes ganhos da capacidade leitora. Para que esse processo adquira significado e possa realmente ser empregado pelos alunos em outras situações cotidianas e de estudo, é importante que leituras como essa sejam rotineiras na sala de aula.

PARA TRABALHAR DRUMMOND

- 1 Os poemas “No meio do caminho”, “Quadrilha”, “Festa no brejo” e “Cidadezinha qualquer”, publicados em *Alguma poesia*, são ótimos para iniciar o contato das crianças com a obra de Drummond. Além dos temas ligados ao cotidiano, os dois primeiros ainda trazem o atrativo da forma; com repetições e retomadas, mais parecem brincadeiras com a linguagem. É fundamental oferecer bons modelos de leitura aos alunos; no caso da poesia, lembre-se de assinalar as pausas, as rimas, o ritmo e a cadência dos versos, procurando transmitir os sentimentos representados nessas marcas formais. Aos poucos, a familiaridade com os textos de Drummond pode dar espaço para a construção coletiva de poemas com inspiração na obra do poeta, a ser expostos na sala de aula.
- 2 Ouvir a voz de Drummond recitando os próprios poemas é, além de uma atividade agradável, uma experiência que pode aproximar ainda mais os alunos de sua vasta obra poética. Algumas gravações estão disponíveis na internet. As ricas imagens de *A máquina do poeta* certamente ganharão outra dimensão após a audição.
- 3 Um bom caminho para aprofundar o conhecimento sobre o gênero poético é fazer com os alunos a comparação entre

• CRUZ, Nelson. *Alfayaguaiara*. São Paulo: Edições SM, 2013.

_____. *Alice no telhado*. São Paulo: Edições SM, 2011.

_____. *Os herdeiros do lobo*. São Paulo: Edições SM, 2009.

Esses três outros livros do autor de *A máquina do poeta* também requerem um trabalho de leitura de imagens, aliado à leitura do texto em si.

• ANGELA-LAGO (Org.). *Drummond para crianças*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2012.

Dirigido às crianças, o livro reúne 22 poemas do poeta mineiro, selecionados e ilustrados por Angela-Lago.

• MEIRELES, Cecília. *Três Marias de Cecília*. São Paulo: Moderna, 2006.

Contém mensagens enviadas pela poeta Cecília Meireles, contemporânea de Mário e Drummond e correspondente de ambos, às três filhas dela entre 1940 e 1948.

“No meio do caminho”, de Drummond, e “Profissão de fé”, de Olavo Bilac (1865-1918). Em ambos, o tema da pedra é central, mas será que os dois poetas falam desse objeto da mesma forma? A pedra que Drummond encontra no meio do caminho é a mesma que é trabalhada por Bilac? O que os poemas têm em comum que os caracteriza como poesia?

PARA TRABALHAR O MODERNISMO

Em *A máquina do poeta*, o movimento modernista não é citado diretamente: ele surge como o pano de fundo sobre o qual se desenvolveu uma profunda amizade entre Drummond e Mário de Andrade. Portanto, um bom trabalho pode tomar como ponto de partida o vínculo afetivo que uniu esses dois grandes nomes da literatura brasileira. Tratar dos conceitos-chave do Modernismo com os alunos funcionará como estratégia de contextualização histórica, mas não esgotará o teor das belas cartas que eles trocaram ao longo de duas décadas. Por isso, as propostas a seguir buscam explorar as cartas como gênero textual e, a partir daí, alguns conceitos do Modernismo.

1 O que caracteriza uma carta? Mais interessante que apresentar aos alunos as características formais do gênero é abrir espaço para que eles construam esse conhecimento coletivamente. Uma estratégia pode ser a comparação dos textos do Livro I e do Livro III de *A máquina do poeta*. Analise com a turma o texto das páginas 7 a 20: ele informa o conteúdo de uma carta que, embora seja citada, não está presente na obra. Quem é o autor dessas linhas? Mário de Andrade, Drummond ou o autor do livro, Nelson Cruz? Para quem o autor endereça o texto e com que objetivo? Agora, explore as páginas 41 a 51: há alguma diferença na maneira como o texto está impresso? O fato de as palavras estarem em itálico é indicativo dessa diferença com o texto do Livro I? Aqui a narração começa com “Carlos do coração” (p. 41), ou seja, a identificação do destinatário da mensagem, e termina com a expressão “Com o abraço fiel do Mário” (p. 51), que, portanto, é o autor da mensagem. Essa autoria se evidencia na predominância da primeira pessoa ao longo de todo o texto: “*acabo* de reler”, “*gostei* não”, “*você me* falou”, “*ando* pensando”, “*escrevo* mesmo só pra lembrar”, e assim por diante. De outro lado,

a repetição do pronome de tratamento “você” indica que o texto está endereçado a alguém que não é o próprio autor. A pesquisa dessas e de outras marcas textuais rende um bom exercício para explorar o gênero de maneira não usual.

2 Pontuar semelhanças e diferenças entre a estrutura formal e os objetivos de cartas pessoais e de outros tipos de correspondência mais atuais, como mensagens instantâneas de celular, e-mails e recados públicos nas redes sociais, está na ordem do dia para o professor que se propõe trabalhar o gênero carta em sala de aula. Um aspecto aparentemente pouco importante, mas que revela diferenças formais, é o fato de não ser preciso escrever uma saudação ou uma despedida em mensagens virtuais: tanto o autor como o destinatário são identificados no cabeçalho dos e-mails ou no número do celular de quem enviou e no de quem recebeu a mensagem, ou seja, o processo de endereçamento é distinto nesse caso. O que mais é diferente? E o que permanece igual?

3 Aproveite a conversa sobre gêneros textuais para comparar o contexto histórico-social das primeiras décadas do século XX, quando as cartas de Drummond e Mário foram escritas, com o da contemporaneidade. Seremos hoje mais “modernos” que os modernistas de 1922? O conceito de modernidade é espinhoso e rende longa conversa. Afinal, o que significava ser moderno naquele tempo? Será que alcançamos o patamar de desenvolvimento, justiça social e cultura que os modernistas defendiam? Em alguns aspectos, não teríamos “andado para trás”? O mais importante é que você, professor, conduza o debate para uma distinção entre o senso comum e o conceito de modernidade; sem isso os alunos não conseguirão compreender o que foi o movimento modernista nem avaliar suas conquistas.



4 A correspondência de Drummond e Mário pode, ainda, ser o ponto de partida de um projeto maior que vise trabalhar múltiplos aspectos desse gênero textual. É possível construir cartas coletivas em sala de aula, mas algumas questões surgirão: quem vai assiná-las, a turma ou partes da turma? A quem vão enviar cada carta? Sobre o que vão escrever e o que esperam receber como resposta? Defina com os alunos as regras dessa troca de correspondência: quem ficará



responsável pela entrega das cartas, em que momento do dia isso poderá ocorrer e com que frequência. Será preciso criar selos postais, envelopar as cartas, construir uma caixa de correio? A leitura de *A máquina do poeta* enriquecerá o trabalho na medida em que sofisticar a troca de cartas com imagens, o que pode ser também apontado como sugestão de ampliação do contexto de produção das cartas. O que só as imagens são capazes de dizer? Como o uso de imagens pode alterar o teor de uma correspondência?

- 5 Nelson Cruz baseou-se em quatro poemas de Drummond para compor este livro: “Convite ao suicídio” (1927), “No meio do caminho” (1928), “A flor e a náusea” (1945) e “A máquina do mundo” (1951). Proponha aos alunos a construção de uma linha do tempo por meio do cruzamento das datas de publicação desses poemas e dos acontecimentos mais significativos da primeira metade do século XX. Ao longo do ano, eles podem ir acrescentando à linha fatos desse período aprendidos nas aulas de História, Artes, Geografia, Língua Portuguesa, Matemática, Biologia, Física etc.

ELABORAÇÃO DO GUIA Beatriz Antunes (graduada em Filosofia pela Unicamp, estudante de Pedagogia no Instituto Singularidades e editora de literatura infantojuvenil); EDIÇÃO Graziela R. S. Costa Pinto e Lígia Azevedo; PREPARAÇÃO Marcia Menin; REVISÃO Carla Mello Moreira.